

REVEGETAÇÃO DE ÁREAS DE APP URBANA NA CIDADE DE ESTRELA DO SUL (MG) E A CONSTRUÇÃO DA CIDADE SAUDÁVEL

APP OF URBAN AREAS REVEGETATED IN ESTRELA DO SUL CITY (MG) AND CONSTRUCTION OF THE HEALTHY CITY

Winston Kleiber de Almeida Bacelar

Prof. Dr. Adjunto III

Instituto de Geografia - Universidade Federal de Uberlândia

winston@ig.ufu.br

RESUMO

A construção da cidade saudável passa essencialmente pela construção de territórios saudáveis em que a paisagem natural ou humanizada está em destaque. O ambiente quando saudável implica na reconstrução de paisagens que proporcionem o bem-estar da população. Assim, a revegetação das Áreas de Proteção Permanente (APP) na parte urbana da cidade de Estrela do Sul (MG) nas margens do Rio Bagagem encerra o conceito e a necessidade de se produzir paisagens e ambientes saudáveis que implicam essencialmente na saúde do meio e do homem. O objetivo primordial do trabalho foi o de realizar a extensão universitária em que se envolveu a Universidade Pública e os agentes sociais, comunidade e gestores públicos do município de Estrela do Sul (MG) e teve como metodologia principal a utilização de workshops com a comunidade, plantio de mudas pelos discentes da rede municipal e estadual de ensino, doação de mudas para revitalização dos quintais e palestras diversas. Os resultados foram satisfatórios quanto ao envolvimento da comunidade no trabalho, contudo o trabalho carecia de mais tempo para que os resultados da revegetação fossem também satisfatórios.

Palavras chave: revegetação. cidade saudável. APP.

ABSTRACT

The construction of healthy city passes mainly by building healthy territories in which the natural or humanized landscape is highlighted. The atmosphere when healthy landscapes implies the reconstruction to provide the people's welfare. Thus, the revegetation of Permanent Protection Areas (APP) in the urban town of Estrela do Sul (MG) in Bagagem river margins closes the concept and the need to produce landscapes and healthy environments involving primarily health of the environment and of man. The primary objective of this study was to carry out the university extent that it involved the Public University and social workers, community and public managers of the municipality of Estrela do Sul (MG) and its main methodology using workshops with the community, planting seedlings by students of municipal and state schools, seedling donation for revitalization of yards and several lectures. The results were satisfactory as community involvement at work, yet lacked work longer for the revegetation results were also satisfactory.

Key words: revegetation. healthy city. APP.

¹ Texto modificado do relatório final do projeto financiado pela FAPEMIG (Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais), referente ao Edital "Projeto de Extensão com Interface com a Pesquisa – 2011(Projeto APQ 02896-11).

INTRODUCTIO (OU “INTRODUÇÃO”)

Como afirmado com propriedade por Ramón María de las Mercedes de Campoamor y Campoosorio “A beleza está nos olhos de quem vê”. Verdade. Mas também existe aquela máxima na Geografia: “olhos de ver”. Para os geógrafos a beleza está em toda parte. Toda paisagem é bela. A paisagem é para o geógrafo o seu ganho. Sua análise e sua observação, ver a sua beleza, enxergar e analisar. Observar e olhar. Toda a paisagem é bela. Umas mais, outras menos, mas todas são belas. Também a paisagem criada pelo homem, a segunda natureza, seja ela uma paisagem “na natureza” ou do “concreto” construído e produto da técnica possui sua beleza. A paisagem mais bela é aquela que é vista. Infelizmente o olhar do homem nem sempre vê. A razão e tempo na modernidade às vezes parecem óculos de cego. Passa-se pela paisagem. Não se enxerga. Não se “perde tempo” para o olhar, o admirar, e o que é melhor: o se surpreender. Parar em qualquer canto do planeta e olhar a paisagem seja sem pretensão mais racional (o que é sempre desejável!), ou observar e analisar (que tem também seus encantos!) é cada dia mais raro.

O homem e sua técnica produzem a transformação do meio, do espaço. Do pó ao pó, uma verdade suprema, assim como o “caminhar” do Tempo. Somos feitos de átomos e átomos são o “pó” das galáxias. Viemos do pó das estrelas. Somos feitos de minúsculas partes de uma estrela que colapsou em uma supernova e esta quando “explodiu” semeou seu “pó” atômico para todos os lados do cosmo e parte disso veio a formar tudo o que conhecemos como matéria. Somos filhos de uma estrela. Assim neste sentido somos estrela. Somos ESTRELA! Quando morremos (toda a matéria orgânica e não apenas os humanos), voltamos a condição inicial: PÓ. Ao decompor esta matéria que chamamos de corpo, partes são transformadas em gases pelas bactérias aeróbicas e anaeróbicas (que fluem do solo e inunda a atmosfera com nosso carbono, nosso enxofre, fósforo etc.); líquido (o chorume, que entra no solo e vai fluir para os lençóis freáticos – superficial e profundo -, podendo ser também parte absorvida por uma raiz que dá sustentação a uma planta); e o restante vira pó: sais minerais sólidos que depois serão arrastados para o solo e dará também sustentação a um vegetal (ou a um mineral que poderá um dia formar uma rocha sedimentar!).

Assim, a morte da matéria orgânica é INEXISTENTE. Continuamos, nós matéria orgânica, na atmosfera, na água e nos vegetais. VIRAMOS PAISAGEM. Como é bela a paisagem que vemos. Somos ela e seremos ela. Ao olhar, ver, enxergar e analisar, “perder tempo” com o tempo e com o que nos circunda estamos a nos ver. Neste sentido a matéria é infinita. Daqui a alguns bilhões de anos o nosso sol, a nossa estrela, ficará sem combustível (hidrogênio) e se tornará uma estrela gigante vermelha, depois implode e explode em uma supernova e leva o Planeta Terra junto neste colossal espetáculo de paisagem cósmica e lança para todos os lados o nosso pó. Este irá semear outro canto do universo e se tornará novamente qualquer coisa e tudo se repetirá.

Olhar e enxergar a paisagem nos leva ao infinito que é o pensamento humano. Observar a paisagem com paciência e querer a transforma em nossa, transforma-a em nós. Assim, não existem paisagens feias, existem formas de enxergar diferentes e que transformam o que é visto (no passado) em seu futuro ou no que se pensa dele. A beleza está em quem olha. A beleza está nos olhos de quem vê.

Segundo Sigmund Freud “quem tem olhos para ver e ouvidos para ouvir, se convence que os mortais não podem ocultar nenhum segredo”. Com isso a paisagem que também parte de nós tem na cidade a sua maior expressão do olhar humano, pois que a maioria das pessoas mora em áreas urbanas desse planeta.

LEGIS CONSTRUCTIO SANAE ALICUIUS CIVITATIS (OU “A CONSTRUÇÃO DA CIDADE SAUDÁVEL”)

Análises sobre a cidade sempre suscitam mais indagações que respostas. A cidade, enquanto *locus* e residência da maioria da população mundial, nem sempre foi o sítio “preferido” do homem. Enquanto espécie, o *Homo sapiens* passou a maior parte do tempo de sua existência residindo em ambientes naturais. Desde que saímos das cavernas – construção natural-, e empilhamos as primeiras pedras umas sobre as outras (ou madeira) e depois os tijolos, realizamos a façanha de transgredir milênios de nossa forma de residir neste planeta. Ao construir o próprio espaço de habitação e ampliar a rede de relações sociais entre nossa

espécie criamos um novo modo de vida. A cidade (a urbe, a polis ou cité) passa a ser a máxima realização ou constructo coletivo da incipiente sociedade humana. A sociedade humana é criada e a cidade seu expoente máximo. A divisão social de classes e a divisão territorial do trabalho se aprofundam a partir desse advento.

A cidade como residência da maioria dos humanos é fato recente em nossa história. Contudo, ela é muito antiga enquanto lugar de residência humana. Residir em cidade em oposição ao meio natural remonta a menos de 9.000 anos de nossa história sobre a face da Terra. Enquanto espécie (*Homo sapiens*), nós humanos temos em torno de 250.000 anos – isto sem contar nossa descendência hominídea, que recuaria o tempo na escala dos milhões -, e passamos grande parte de nossa existência vivendo como os outros animais. A produção de uma sociedade humana e sua progressiva organização, hierarquização e divisão social fazem da cidade, lenta e progressivamente, um ambiente de escolhas. Nestes últimos milênios a cidade passa de ambiente de agrupamento de serviços e comércio para centro da dinâmica produtiva e administrativa dos territórios e das nações. Pode-se afirmar que tal “reviravolta” no *status* da cidade se deu há pouco tempo. Fruto da expansão do capitalismo e produto da afirmação e locus desse modo de produção. A oposição entre campo e cidade que marca os últimos milênios da história social do homem foi “resolvida” no modo de produção capitalista em que a cidade passa a ser o locus de produção e comando das atividades e das formas de gerenciamento do capital, portanto lugar mais importante de sua reprodução.

Assim, a cidade (não enquanto coisificação de algo que não é um SER ou TAMBÉM fetichização da coisa em si, mas a cidade como metáfora para classes dirigentes e administrativas) produz o urbano. Mais que cidade o conceito e a categoria de análise “urbano” têm na sociologia, filosofia, história e geografia uma lenta e progressiva evolução de análise. Para estas ciências o urbano - no ideário da sociedade humana - se afirma enquanto modo de vida a partir do século XIX e se expande, já no século XX, como a mais importante maneira de existir e se realizar no espaço. O urbano mais que a própria cidade passa a ser encarado por muitos como a forma maior de existir do homem contemporâneo. Não basta mais a cidade. A forma de agir, produzir e pensar do homem no século XXI é ditado pela urbanidade, não importando mais o local da residência (pois, sabemos que a maioria dos humanos reside nas cidades, mas maioria não é todo!) e sim a forma do existir. Daí o movimento pela Cidade Saudável³. Não basta a cidade, esta tem que ser saudável.

Parte-se, portanto, do pensamento que coaduna com o raciocínio de que a Cidade é Saudável para além do seu aparato ou equipamentos da área de saúde.⁴ Esta Cidade Saudável, como toda cidade, depende dos bens materiais, ou seja, dos equipamentos urbanos nela produzidos para funcionar como espaço social de moradia e viver da população. Contudo, a Cidade Saudável para existir como tal depende destes equipamentos bem construídos e distribuídos pelo espaço-território da cidade e também, e fundamentalmente, dos “equipamentos imateriais” que derivam e acontecem a partir do anteriormente produzido materialmente. As produções físico-materiais do homem urbano, que dependem da técnica, possibilitam o aparecimento no seio da sociedade que absorve cotidianamente, que impulsiona a existir e a se construir eternamente enquanto sentimento coletivo que assim exprime que a cidade é saudável. A sensação coletiva de que na cidade em que se vive as coisas estão e existem para o homem é o que explica a sensação do conforto ambiental e sanitário de um lugar.

³ “O Movimento Cidade Saudável, mais que um conceito, é uma estratégia de promoção da saúde e tem como objetivo maior a melhoria da qualidade de vida da população. A proposta de construção de cidades saudáveis surgiu em Toronto, Canadá, em 1978, quando um comitê de planejamento publicou o informe A saúde pública nos anos 80, onde foram estabelecidas linhas de ação política, social e de desenvolvimento comunitário no nível local, como resposta aos problemas mais prevalentes de saúde pública naquele momento. Esses delineamentos tiveram origem no Informe Lalonde (1996), que propunha um novo enfoque para a saúde pública do Canadá.” (ADRIANO, et al, 2000, p. 54).

⁴ “O Movimento Cidade Saudável surge para operacionalizar os fundamentos da promoção da saúde no contexto local. Um município saudável, de acordo com a OPAS, é aquele em que as autoridades políticas e civis, as instituições e organizações públicas e privadas, os proprietários, empresários, *trabalhadores e a sociedade dedicam constantes esforços para melhorar as condições de vida, trabalho e cultura da população; estabelecem uma relação harmoniosa com o meio ambiente físico e natural e expandem os recursos comunitários para melhorar a convivência, desenvolver a solidariedade, a co-gestão e a democracia* (OPAS, 1996). (ADRIANO, et al, 2000, p. 54-55).

Assim, o “equipamento” imaterial pertence ao campo da sensação: da rapidez, da fluidez, da acessibilidade, da segurança, do ambiente, enfim das várias sensações que permeiam uma cidade mais desenvolvida na produção real do espaço saudável. Assim, o imaterial torna-se mais importante na definição da Cidade Saudável, pois as sensações produzidas pelo imaterial superam o material. As sensações não podem ser falseadas. Estas sensações passam ao todo populacional não como catarse coletiva, mas como seu HUMOR. Este Humor coletivo (da comunidade) é o que conta, pois que deriva do absoluto e do concreto que se produziu na cidade para torná-la de fato saudável. Com isso, não é apenas a quantidade de equipamentos que realmente fazem a diferença. O seu uso e a constância desse uso é que o faz normal/constante ao ponto de se tornar seguro e confiável.

As sensações de uma Cidade Saudável são, assim, o produto de um ambiente saudável (e de um território saudável) em que este pode o absorver de fato e cotidianamente até que esse se torne uma sensação de Bem-Estar. Com isso quer se afirmar que não basta a ciclovias, o importante é seu uso cotidiano. E a certeza de que existe e é operacional. Não basta apenas o aparato policial é a sensação de segurança o mais importante. Não apenas o constructo de ferro e cimento das vias, a fluidez do transporte e sua rapidez são importantes é a sensação de eficiência que importa. Não é apenas a infraestrutura da saúde o mais importante, mas saber que existe quando se necessita dela. É o saber (a sensação) quase inconsciente! Pode-se aqui elencar vários exemplos em que as sensações de que a Cidade é realmente Saudável, mas o fator mais interessante da análise é o de que o Humor coletivo (ou da maioria da população residente na Cidade Saudável) inconscientemente possui o saber (a sensação) de que ela é Saudável.⁵

Alcançar o “Nirvana” da salubridade urbana é a nova utopia de um urbano utópico. Este urbano ideal e saudável nunca chegará, pois o interessante é o buscar e o construir constantemente. Isto é o que importa. A cidade do bem-estar e do ambiente saudável, como a exemplo algumas cidades localizadas em países da OCDE, especialmente em países europeus⁶, não significa, pois, alcançar o estágio último, mas um eterno procurar do mesmo, realizado por comunidades que possuem sensações que partem de um ambiente historicamente produzido, materialmente construído, fisicamente presente e cotidiano.

Assim, a Cidade Saudável é mais que o aparato da saúde do homem construído e ofertado à população. O que faz dessa cidade uma Cidade Saudável está mais e além da oferta de infraestrutura de saúde ou de um ambiente urbano saudável. A Cidade Saudável é a expressão máxima do ecológico saudável. Ecológico aqui não se prende apenas a sua expressão biológica, está colocado para o todo urbano, para o território urbano como um todo, o ambiente da cidade como uma totalidade. Ecológico como uma totalidade em que os processos sociais, culturais, econômicos e sanitários se integrem e interajam numa realidade urbana saudável.

A partir dessa análise entende-se que o século XX foi o século das lutas e garantidas sociais e o século XXI vem se firmando como o século das garantias de viver bem, denominada por Inglehart de valores pós-materialistas.

Há formas de participação mais inovadoras ligadas à emergência de valores pós-materialistas, na perspectiva de Inglehart. Nos anos 70, este autor propôs uma nova taxinomia de valores sócio-políticos que distingue dois grandes grupos de valores: 1) os valores materialistas e 2) os valores pós-materialistas. Os primeiros estavam associados à satisfação de necessidades básicas elementares, ao bem-estar econômico e à coesão social, enquanto que os segundos relevavam de novas preocupações sociais e

⁵ Para Brandão (2010, p. 37): “Assim sendo, o que caracteriza o ambiente saudável... é a profunda vinculação existente entre os cidadãos e o seu entorno físico e social. Não é possível falar de espaço saudável se os sujeitos sociais não se sentem fazendo parte dele. Um município, para ser saudável precisa ser amado pelas pessoas que lá habitam. Elas precisam compreender que aquele espaço lhes pertence e que, portanto, necessita ser cuidado por elas e pelos que elegem como sendo seus representantes.”

⁶ Como afirmado por Costa (2010, p. 47): “As cidades europeias expõem um padrão evolutivo comum, mas diferenciado do registrado nas cidades norte-americanas. Não negando a existência de problemas sociais nas cidades europeias, estas apresentam estruturas sociais mais coesas e menos díspares que as cidades americanas, o que se deve, fundamentalmente, ao perfil do modelo social europeu, que atua aos níveis das transferências sociais para colmatar situações de desemprego ou na prestação de serviços de saúde, educação, desenvolvimento infraestrutural e, em alguns casos, no nível da habitação social.”

individuais: estéticas, intelectuais, de qualidade de vida e relativas ao envolvimento nos processos de tomada de decisão no trabalho, nos locais de residência e no sistema político. Segundo Inglehart, as sociedades ocidentais estariam a assistir a uma prevalência progressiva dos valores pós-materialistas sobre os valores materialistas. Neste sentido, este autor sustentava que quanto maior for o desenvolvimento sócio-cultural de um país, maior será a saliência dos valores pós-materialistas relativamente aos materialistas. Inglehart chamava ainda a atenção para a importância da socialização política, para afirmar que o momento decisivo em que se formam valores e crenças destinados a sobreviver no tempo se situa na passagem da juventude para a idade adulta. Segundo ele, estes princípios e prioridades adquiridos nesta altura do desenvolvimento da pessoa humana tenderiam a manter-se indefinidamente (FARIA, 2009, p. 109).

Assim, em relação aos valores pós-materialistas de Inglehart, se o lugar de residência da maioria das pessoas do mundo é a cidade e seu modo de existir e de vida é o urbano, a construção das Cidades Saudáveis passa a ser uma lógica e até mesmo, para a maioria dos povos e nações, uma necessidade. Se morar na cidade e “ser” urbano é a única lógica possível no mundo atual, esta localidade (a cidade) deve possuir e contar com aquilo que faz de sua absorção/deglutição a mais facilitada possível. A construção da Cidade Saudável é o passo seguinte na história da construção da cidade, como local de morada, e do urbano, como forma de vida predominante no espaço geográfico. Assim, a cidade e o urbano contemporâneos não têm como prescindir da lógica da Cidade Saudável. É a forma mais eficiente de fundir *lócus* com modo de vida. A Cidade Saudável é a amálgama desses dois conceitos: cidade e urbano.

A Cidade Saudável vem como uma maneira (e a única pelo visto!) de se “suportar” conviver na “selva de pedra” eternamente (eternamente aqui visto a partir da lógica humana que passou a maior parte de sua existência no meio natural enquanto animal!). Assim a construção da Cidade Saudável toma novos contornos. De uma bandeira de luta política e social historicamente construída ao longo desses últimos séculos (e mais evidente a partir do final da Segunda Grande Guerra Mundial) por grupos de ideólogos, engenheiros, urbanistas, arquitetos e geógrafos, esta passa a ser encarada como uma necessidade. A “nova” forma de pensar a cidade é um passo a mais no degrau da “escala evolutiva” do fazer cidade e do realizar o urbano.

Contudo, o entendimento de que “se vamos viver eternamente na cidade, então que esta seja o mais agradável possível” é uma ideia compartilhada a “conta-gotas” na sociedade humana. Nos países da OCDE o discurso político do pós-guerra passa a ser amiúde sobre o reconstruir o espaço físico e o de fazer cidades como ambientes sociais e não apenas construções e formas físicas no espaço da cidade. Funcionalidade, sociabilidade, fluidez, mobilidade, acessibilidade, rapidez do espaço da cidade são expressões que passam a conviver nas mesas dos líderes políticos e administrativos (os gestores públicos) e de arquitetos, urbanistas e geógrafos juntamente com assuntos relacionados à saúde do meio, saúde do território, lazer, ócio, equipamentos urbanos e de infraestrutura paisagísticas. Nada espontâneo. Tudo fruto de lutas e pressões sociais, organizadas por associações sindicais e representantes de classe como também resultado de intenso debate sobre o “fazer da cidade espaço saudável” especialmente no âmbito de várias universidades como também em órgãos públicos de gestão e de organização do território (planejamento espacial e territorial). Ideias e ideais nem sempre compartilhadas no restante do mundo.

As conquistas sociais e ambientais das cidades da maioria dos países da OCDE não foram como já afirmado, fruto de uma inteligência coletiva e benévola dos gestores públicos e líderes políticos dos países membros. Tais realizações no espaço e no território construído das cidades da OCDE (e, portanto, introjetado, absorvido e metabolizado, geração após geração, no imaginário coletivo dessas sociedades como sendo o “correto” modo de viver em cidade) e que vão se realizando nos últimos decênios do século XX e se aprofundando no século XXI, são expressões das lutas e dos ganhos sociais das diversas categorias organizadas da sociedade desses países. Por isso alguns países e povos possuem e construíram Cidades mais Saudáveis que outros.

Os níveis de organização da sociedade produzem invariavelmente Ambientes Saudáveis (Cidades e ou Territórios) que diferem entre si e também internamente entre os países pertencentes à OCDE. São também a expressão da salubridade política que alcançaram determinados povos e nações nestes últimos séculos e, especialmente, nestes últimos decênios de lutas e de pressões sociais (da sociedade organizada) em relação aos seus

gestores públicos e líderes nacionais, regionais e locais. A organização do espaço é assim o reflexo dessas sociedades. Assim, o espaço construído pode-se afirmar, reflete o nível de organização da sociedade. A Cidade é Saudável⁷ quanto mais saudável for a relação entre a comunidade/sociedade e seus gestores públicos e administradores. O que segundo Carvalho (2011, p. 330):

Na prossecução desta orientação mais descentralizadora, libertadora e responsabilizadora, o Estado não pode perder o seu verdadeiro sentido de existência (no que respeita a estas matérias), mantendo o seu papel de regulador, fiscalizador e árbitro, procurando promover junto da sociedade o melhor equilíbrio possível entre a utilização dos recursos coletivos e os interesses e a liberdade individual. Numa perspectiva de autocontrolo, as entidades de governo local devem adotar mecanismos de controlo interno mais eficazes que sejam capazes, não apenas de reportar informação à posteriori e demasiado desatualizada, mas também de antecipar eventuais cenários e/ou apontar para possíveis soluções ao nível da decisão... Parece claro que atualmente para governar a qualquer nível da Administração Pública, não basta a legitimidade política e legal, a sociedade atual exige muito mais e a competência técnica, com reflexo nos resultados, tem de relevar cada vez mais nas decisões da governação pública, sob pena de afastar ainda mais os cidadãos das suas instituições de governo, para além de potenciar maior ineficácia e ineficiência na gestão da coisa pública.

O que se afirma, portanto, é que a construção da Cidade Saudável passa essencialmente pelo plano político.⁸ Este plano estabelece os fundamentos prioritários daquilo que se convencionou denominar de Promoção da Saúde⁹. A PROMOÇÃO DA SAÚDE, como aspecto da vida urbana, necessita do instrumental técnico da medicina e dos equipamentos urbanos de infraestrutura para a prestação de serviços em saúde. A saúde do homem necessita disso e muito mais. A Cidade Saudável necessita para ser saudável de Promoção da Saúde¹⁰. Tal constatação é norteadada pelo atual modo de vida urbano que cada vez mais se expande para o todo do território municipal, estadual – provincial ou regional - e nacional. Assim, promoção da saúde é o que faz da Cidade realmente Saudável, pois que para se chegar a esta, se junta os aspectos do imediato (a doença não espera!). Os equipamentos da área de saúde – hospitais, corpo técnico, etc.-, com os da promoção à saúde que se espalham através das práticas e

⁷ Segundo Costa (2013) os princípios para uma Cidade Saudável é para a OMS • “Um ambiente físico de alta qualidade, limpo e seguro (incluindo a qualidade de habitação); • Um ecossistema que seja estável ecossistema que seja estável no presente e que se mantenha a longo prazo; no presente e que se mantenha a longo prazo; • Uma comunidade forte, com apoio mútuo e sem exploração; • Um alto nível de participação e controle por parte do público sobre a decisões que afectam as suas vidas saúde e bem afectam as suas vidas, saúde e bem-estar; • A satisfação de necessidades básicas (para a alimentação, água, abrigo, rendimentos, segurança e trabalho) para todas as pessoas da cidade; • Acesso a uma Acesso a uma variedade de experiências e recursos variedade de experiências e recursos, com a possibilidade de uma , com a possibilidade de uma maior variedade de contactos, interações e comunicação; • Uma economia municipal diversificada, vital e inovadora; • O encorajamento de ligações ao passado, com heranças culturais e biológicas dos habitantes da cidade e de outros grupos e indivíduos; • Uma forma urbana que aumente as características precedentes; • Um nível ideal de saúde pública adequada e serviços de saúde acessíveis a todos; • Um nível alto de saúde (níveis altos de saúde e níveis baixos de doença); • Um nível alto de educação • Um nível satisfatório de igualdade de oportunidades”. Marques da Costa, E. (2013) – “Cidades Saudáveis, Saúde e Sustentabilidade – dos conceitos às orientações de política na União Europeia”, Construindo Cidades Saudáveis, org. Samuel Carmo Lima, Eduarda Marques da Costa, Ed. Assis, Uberlândia, 25-41 ISBN: 978-85-62192-50-0

⁸ Bem explorado por Fernandes (1992).

⁹ “A promoção da saúde é um processo, através do qual a população se capacita e busca os meios para conseguir controlar os fatores que favorecem seu bem-estar e o da comunidade ou que a podem estar pondo em risco, tornando-a vulnerável ao adoecimento e prejudicando sua qualidade de vida (Ottawa, 1986). Nas ações de promoção as pessoas são consideradas como sendo sujeitos do processo e potencialmente capazes de vir a controlar os fatores determinantes de sua saúde.” (ADRIANO, et all, 2000, p. 54).

¹⁰ Segundo Brandão (2010, p. 31): “... a Carta de Ottawa, ... define a Promoção da Saúde como sendo “o processo de capacitação da comunidade para atuar na melhoria da sua qualidade de vida e saúde, incluindo uma maior participação no controle desse processo” (Ministério da Saúde, 2001, p.19).”

ações cotidianas de acesso mais amplo da comunidade aos bens que derivam da Promoção Saúde na sociedade contemporânea¹¹.

Assim, mais que os produtos técnicos da saúde tradicional na Cidade Saudável ampliam-se as formas e coisas relativas à Promoção da Saúde. Esta nova forma de se fazer a cidade é um dos pré-requisitos maiores da construção da Cidade Saudável. Este eterno buscar da Promoção à Saúde na cidade moderna impulsiona cada vez mais as obras e as formas imateriais de gerir a cidade do agora.

O material e o imaterial que são utilizados como ferramental de promoção da saúde necessitam de regulamentações e acordos legais e sociais entre os indivíduos coletivos, ou seja, um pacto ou contrato social. Pessoas, cidadãos, população, utentes são papéis que, no dia-a-dia de uma cidade, para que funcione de maneira integral e harmoniosa, necessita de negociações entre estas partes envolvidas: cidadão e coletividade. Estes acordos coletivos são em maioria mediados pela política, pelas normas legais e pelos acordos sociais e históricos, e os de gestão pública.¹²

As pressões da sociedade organizada sobre seus gestores públicos são as expressões maiores dessa relação política que se realiza de maneira mais aguda em determinadas sociedades. Assim, percebe-se que mais que financeira ou econômica, a construção de ambientes saudáveis e das cidades saudáveis - em que a maioria dos humanos quer residir - passa pelo viés das tensões que se estabelecem no seio das sociedades organizadas em que o aspecto político se sobressai. As políticas públicas mais eficientes e saudáveis¹³ no espaço/território das cidades são as expressões concretas e visíveis das pressões políticas da comunidade sobre seus líderes políticos e gestores públicos e estas, quando eficientes e saudáveis, expressam as necessidades e anseios de grupos organizados que conseguiram impor a vontade de uma maioria sobre seus administradores públicos. Assim, percebe-se que as negociações políticas que se fazem no tempo se reproduzem no espaço. A complexificação das relações entre gestores públicos e suas respectivas comunidades e das necessidades da comunidade e de seu espaço geográfico são assim, mediadas e resolvidas no campo do político.

Toda a compreensão dos territórios perspectivados numa dimensão local passa pela sua construção como espaço de concertação, de negociação, de projectos, de interações com territórios envolventes, fronteiriços incluídos. O território é, assim, tornado "território projecto...pela cooperação dos actores que nele decidem fazer algo, restabelecendo assim a essência do político: construir algo em comum (FARIA, 2010, p. 112).

O aspecto político (não no sentido ideológico – esquerda e direita, etc.) das negociações entre a comunidade e seus gestores públicos se realiza cada vez mais intermediado por organizações sociais (partidos políticos, associações de moradores, sindicatos, ONGs, etc.) de uma sociedade cada vez mais complexa. A modernidade-mundo que se vivencia hoje faz dessas organizações sociais pilares de sustentação para vidas humanas cada vez mais intensas e rápidas.

CUM SUBIIT TRIANGULUM (OU “O TRIÂNGULO MINEIRO”)

¹¹ Como afirmam Westphal e Mendes (2000, p. 48): “Com base no pressuposto de que a saúde é produzida socialmente, o ideário de cidades saudáveis advoga superar as práticas de saúde centradas na atenção médica curativa, para buscar a globalidade de fatores que determinam a saúde. Apresenta, ainda, como prioridade na definição das políticas públicas, incluir a saúde como critério de governo (Mendes, 2000; Westphal, 2000).

¹² Como afirmado por Adriano et al (2000, p. 55): “No processo de construção de uma cidade saudável, a participação significa uma postura ativa de envolvimento e co-responsabilidade dos diversos saberes, setores técnicos e segmentos sociais da população na discussão dos problemas da cidade e na tomada de decisão sobre as formas de enfrentamento dos mesmos, construindo, dessa forma, um projeto mais ampliado e real para a cidade. Além disso, é a participação que dá legitimidade política e social a esse projeto.”

¹³ Como bem exposto por Westphal e Mendes (2000, p.53): “Os projetos de cidades saudáveis exigem um compromisso das autoridades governamentais com o desenvolvimento de políticas públicas saudáveis, que garantam a melhoria da qualidade de vida da população. A população trata do que há de mais complexo no universo: os assuntos humanos. As políticas públicas saudáveis tratam do que é mais precioso: a vida, o destino, a liberdade dos indivíduos, das coletividades e, por conseguinte, da humanidade. O pensamento menos complexo reina nessa esfera, que é mais complexa de todas. A política requer, vitalmente, um pensamento que possa alcançar o nível da complexidade dos próprios problemas políticos e responder ao desejo de viver da espécie humana (Morin, 1987).”

A região do Triângulo Mineiro, como formação sócio-espacial, teve, desde o século XVIII, uma sucessão de cidades hegemônicas em sua divisão territorial do trabalho. Todas impuseram um processo de acumulação capitalista que refletia e reproduzia o todo capitalista da época. Também, o discurso e a ideologia eram elaborados e “transmitidos”; no entanto, a escala de penetração territorial (espacial) mudou com o avanço do processo capitalista nacional e especialmente regional.

Municípios como Estrela do Sul – meados do século XIX –, Araxá, no final do século XIX e início do XX, Uberaba, do final do século XIX até a década de 1970, Araguari, por curto período, entre o final do século XIX e início do XX, e, atualmente, Uberlândia, especialmente a partir da década de 1970, foram as cidades de hegemonia regional, em tempos diferentes. As maneiras e a intensidade das inserções destas cidades na divisão territorial do trabalho regional transformaram-nas nos centros difusores das políticas e do discurso regional de um grande Triângulo Mineiro. Cada qual possuía suas políticas produtivas: Estrela do Sul através do garimpo de diamantes, Araxá com o sal, gado e com a estância hidromineral, Araguari como ponta de trilhos da Estrada de Ferro Mogiana, Uberaba como porto fluvial do rio Grande e espaço de criação do gado Zebu, Uberlândia como centro comercial, industrial e catalisador de investimentos agrícolas e imobiliários.

Tal sucessão reflete o avanço produtivo e espaço/temporal do capitalismo nesta região. O processo é extremamente dialético, pois é aglutinador no âmbito espacial e excludente no âmbito político e social. Estrela do Sul, que já foi um centro de referência para a região, num tempo em que a mineração dos diamantes era a “menina dos olhos” da produção regional, atualmente “agoniza” em termos populacionais e, principalmente, nos aspectos econômico e social.

Em meados do século XIX, a cidade de Estrela do Sul exercia um fascínio na região que se traduzia numa numerosa população e também na influência político-ideológica sobre grande parte da região do Triângulo Mineiro. Com o avanço dos processos de acumulação capitalista na região – que se reflete na alteração da divisão territorial do trabalho – e também com o declínio dos diamantes no município, ela perde todo seu prestígio e a “liderança” regional.

Estrela do Sul, em 2010, contava com apenas 7.147 habitantes (censo IBGE 2010), contra os quase 30.000 entre 1854 a 1870, auge de sua produção diamantífera. A pequena cidade é relegada a segundo plano na rede urbana regional. Tal isolamento produtivo/econômico e político reflete uma situação nacional pela qual as pequenas cidades – que foram ou não importantes em suas respectivas regiões – são deixadas de lado frente à importância econômica e o poder político das cidades ditas hegemônicas, consideradas o “rosto” interno e externo destas regiões.

Esta situação nos força a um pensamento: se a região, enquanto formação sócio-espacial, é o todo e também a parte do processo maior – a formação econômica e social – em uma mesma região a análise também é válida, ou seja, se a região é tida como o todo e a parte, a cidade ou município, também o são. As contradições do processo de acumulação capitalista são evidentes nestas pequenas cidades – e Estrela do Sul passa a ser o exemplo.

A ocupação inicial da região do Triângulo Mineiro e parte dos “Gerais” ocorreu através das entradas de paulistas e os geralistas mineiros nos relevos sedimentares da Bacia Sedimentar do Paraná e também do Planalto Central do noroeste de Minas Gerais e do atual estado de Goiás.

STELLAM MERIDIANAM (OU “ESTRELA DO SUL”)

O município de Estrela do Sul localiza-se no Triângulo Mineiro, mais especificamente na microrregião do Alto Paranaíba, à qual pertence a mesorregião do Triângulo Mineiro. A cidade está inserida num município com uma área de 821,10 Km quadrados e a sede municipal localiza-se a 18° 44' 39 " S e 47° 41' 33" W.

Nascida no sertão da Farinha Podre, a cidade de Estrela do Sul conheceu o seu pequeno fausto minerador no decorrer da decadência do ciclo da mineração de ouro, marcadamente contagiante e ilusória como o próprio brilho do diamante que lhe deu o nome atual. Como o brilho do diamante é passageiro para quem o olha e não para quem o possui, esta cidadezinha

- encravada e rodeada por falsas serras¹⁴ e enterrada em um imenso Kimberlito¹⁵ já deteriorado -, cercada por terras férteis em poucas chapadas tabulares, trespassada e perpassada pelo rio Bagagem¹⁶, o lúdico “Bagajão” que banhou senhores e senhoras, escravos e “gente boa”. Corrente de esperança do enriquecimento rápido e água de beber dos animais nos pastos mamelonados da terra de cultura que o margeiam. Esta cidade já não brilha como antes. O rio Bagagem, que serviu como caminho natural do desenvolvimento urbano da cidade, é muito importante, pois dele surge o fruto da riqueza almejada: o diamante. Estrela do Sul margeia este rio desde o século XIX e o serpenteia com sua mancha urbana, cujo traçado se alterou pouco nestes quase duzentos anos.

A cidade de Estrela do Sul fica encravada entre os morros laterais e o rio ao centro (vide imagem 1). Este dá o tom do desenvolvimento urbano da cidade e também a sua característica visual. Ao invés dos prédios, existem os morros, no lugar da passarela de asfalto e concreto, o rio bagagem a corta e lhe dá vida.

Estrela do Sul é uma localidade antiga do Triângulo Mineiro e aparecia nos primeiros mapas confeccionados sobre estas paragens. O sonho minerador foi curto e atrasado, pois teve seu início, quando as minas mais importantes do estado de Minas Gerais já estavam em processo de esgotamento, em meados do século XIX. Este surto minerador demarca um passado de glórias fugazes que se arrastaram com o tempo, como o próprio curso do rio, mudado várias vezes nas grandiosas obras de “viradas”,¹⁷ esculpidas com o sangue dos negros de mãos limpas. O rio Bagagem, fonte maior da riqueza, ainda hoje fornece os diamantes, é o coração e o espírito de parte da população de Estrela do Sul.

Estrela do sul é uma cidade de belas paisagens revelando um relevo dissecado, predominantemente pela ação erosiva do rio Bagagem e seus tributários. Este quadro paisagístico, de relevo mamelonado, difere seus horizontes dos encontrados na maioria das cidades do Triângulo Mineiro.

Sua beleza paisagística é representada tanto pelos aspectos físico/naturais como pelo patrimônio arquitetônico. Além de possuir vegetação de cerrado, ainda possui resquícios de vegetações tropicais. A cidade abriga um sítio arquitetônico de vários estilos, desde o colonial até as formas modernas de construção e produção do espaço.

ET LUGGAGE STELLAM MERIDIANAM (OU “DA BAGAGEM A ESTRELA DO SUL”)

O primeiro registro oficial do povoamento do núcleo humano que deu origem à Bagagem (atual Estrela do Sul) ocorreu com a passagem da bandeira de João Leite da Silva Ortiz,¹⁸ em 1722, em seu caminho para descobrir ouro nas terras de Paracatu e Goiás. Este parou sua bandeira às margens de um rio e estendeu suas bagagens para o merecido descanso das tropas e dos animais, vindo daí o nome do rio: Bagagem. A “velha” Bagagem nasceu do surto diamantífero e teve seu desenvolvimento inicial marcado por relativo isolamento em fins do século XVIII. As aberturas de caminhos, como a construção da estrada do Anhanguera, em 1730, a picada Nova de Goiás, em 1736 e a picada de Desemboque em 1764, funcionaram como forma de relativizar o citado isolamento e significaram um marco importante no processo de ligação com outras localidades triangulinas. Bagagem, então, foi privilegiada no aspecto de estar espacialmente entre a estrada do Anhanguera e a picada do Desemboque. Provavelmente, a localização estratégica entre estes dois caminhos, favoreceu fluxos migracionais a partir de meados do século XIX quando da descoberta de reservas mais extensas de diamantes. Mas o fato interessante a se destacar é o de que este núcleo urbano foi se desenvolvendo lentamente desde 1722, o que lhe confere um “status” de localidade importante no cenário nacional e

¹⁴ Em verdade, o que se apresenta como “serras”, são as encostas de algumas chapadas e relevos residuais/dissecados em pequenas formas de meia-laranja.

¹⁵ Estrutura rochosa metamórfica de onde o diamante é extraído.

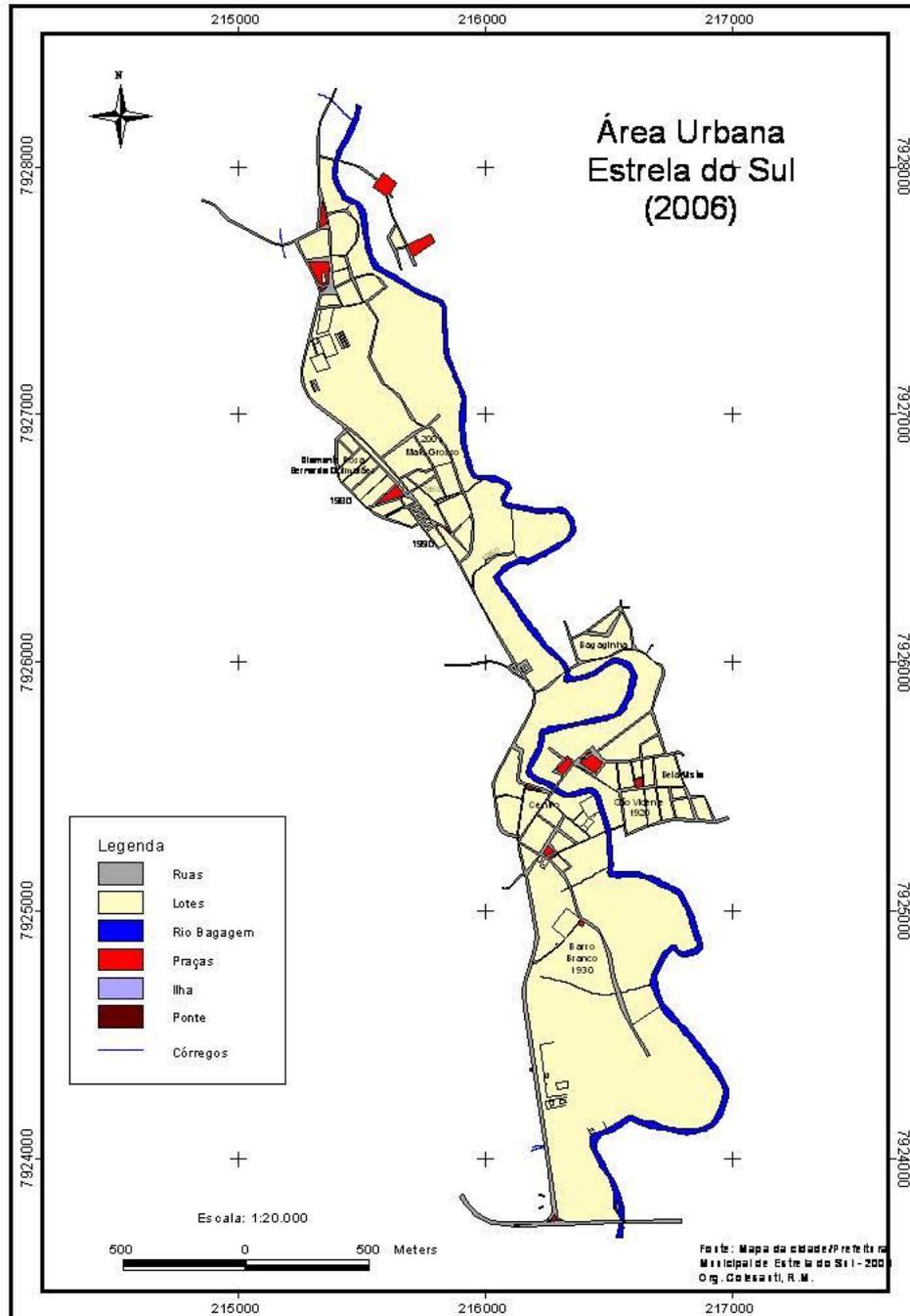
¹⁶ Tal nome do rio deve-se ao fato da comitiva do bandeirante João Leite da Silva Ortiz ter deixado parte de suas bagagens às margens deste ribeirão.

¹⁷ Obras de desvio do rio para explorar o cascalho diamantífero, no leito original, que fica seco.

¹⁸ Este mesmo bandeirante fundou o arraial de Curral Del Rey no sopé da serra do Curral no coração das Minas Gerais em 1711, que posteriormente, em fins do século XIX, seria transformada e planejada na capital dos mineiros, Belo Horizonte.

mineiro como centro de povoamento interiorano. Sua “descoberta” antecede a de vários núcleos urbanos triangulinos, e a sua importância econômica a fez incorporar e ramificar povoados adjacentes, como Troncos, Chapada, Água Suja, Gameleira e Carmo da Bagagem (hoje Monte Carmelo).

Imagem 1 - Área Urbana de Estrela do Sul (MG). 2006



Bagagem surge entre estes dois caminhos e recebe sua influência enquanto povoamento. Como estes caminhos foram criados nas cristas das chapadas e em seus topos aplainados, eles provavelmente ficaram ao largo desta localidade. Os relevos mamelonados e dissecados pelo rio Bagagem e seus afluentes podem ter impedido o deslocamento da picada do Desemboque para as proximidades de Bagagem chegando até a Aldeia de São Félix. Tal fato tem relevância de análise, pois parte dos caminhos antigos serviriam de base para as futuras estradas de rodagem, a partir das décadas de 1950 e 1970 na região, e também para a compreensão de que elas estão, predominantemente, em relevos aplainados em chapadas como os encontrados nas cercanias de Estrela do Sul. Dois fatores que podem explicar o maior desenvolvimento econômico/produtivo de Monte Carmelo que o de Estrela do Sul são: acesso mais facilitado à rede urbana e relevos tabulares para o desenvolvimento da agropecuária, a partir da década de 1970.

Outro registro histórico sobre a existência do arraial da Bagagem é do ano de 1772¹⁹, pois já nesta época os diamantes eram encontrados ao longo do rio e sua fama começava a correr as terras, do hoje Triângulo Mineiro.

Naquele tempo, o processo de garimpagem era totalmente realizado tomando como base as técnicas rudimentares. Técnicas desumanas para os negros cativos e “empreitadas”²⁰ para apenas uns poucos detentores dos direitos de exploração legal. A maioria da população de garimpeiros realizava a faiscação de forma clandestina, aventureiros atraídos pelo brilho e o valor dos diamantes.

Juntamente com as outras áreas diamantíferas da província de Minas Gerais, a produção de diamantes da Bagagem foi significativa, o que acabou produzindo a queda dos preços da gema no mercado internacional. Portanto, o processo de desenvolvimento das lavras nesta área acentuou dois fenômenos: a fiscalização maior, por parte da metrópole e posteriormente pelo Império, e a queda acentuada dos preços do diamante no mercado internacional. Esta queda nos preços deveu-se à super oferta do produto no mercado internacional, o que obrigou a metrópole a um rígido controle sobre a exploração deste recurso mineral em toda a colônia.

Da descoberta dos diamantes, até 1740, prevaleceu o chamado regime da Livre Extração. O resultado deste processo foi a explosão de oferta e queda dos preços. Para reverter o quadro, em 1740, passa a vigorar o regime dos ‘Contratos’, baseado na arrematação, por um certo número de anos, do direito monopolista da exploração dos diamantes, devendo o contratador restringir o número de escravos envolvidos na mineração (...) Esse regime, que durou até 1771, não foi capaz de reverter o quadro de aumento da oferta e queda dos preços, já que sempre foi prática generalizada a lavra clandestina e o contrabando. Finalmente na época pombalina, em 1771, há a instituição do monopólio régio da exploração de diamantes, que prevalecerá até 1832 (PAULA, J. A. Op. cit., p. 70-71).

Por esta época de administração régia dos locais de lavras é que o garimpo da Bagagem toma corpo e atrai grande número de pessoas para seu entorno na busca de diamantes pelo método rústico da faiscação. Apenas uns poucos o faziam de maneira legal²¹.

O crescimento populacional e a importância econômica atingida provocaram a sua elevação, em 1849, à categoria de povoado da Bagagem Diamantina, pertencente à comarca de Patrocínio. O crescimento populacional naquela época, destaque na região do Triângulo Mineiro, foi acrescido pela migração de pessoas oriundas de Araxá, localidade que se encontrava em decadência devido a fatores como a emergência de Uberaba no cenário econômico e político triangulino, as lutas políticas internas e as informações da descoberta de

¹⁹ Segundo fontes históricas e documentais/textuais, pesquisadas no Arquivo Público de Minas Gerais e que se encontram no Arquivo da Casa da Cultura de Estrela do Sul, reunidos nos textos de ROSA (1996), ROSA (1997) e TEIXEIRA (1922).

²⁰ Empreito nas áreas de garimpo de Estrela do Sul tem o sentido não somente de trabalho por contratação, mas também trabalho árduo que se tem que fazer.

²¹ Este fato é comentado em várias passagens no Anuário: TEIXEIRA Antonio Dias. *Bagagem-Estrela do Sul, notas históricas. 1849-1922*. Estrela do Sul, 1922, 101 p.

diamantes em Estrela do Sul. Entre as décadas de 1840 e 1860, o fluxo de pessoas para a localidade aumentou. Todas traziam consigo o sonho de “enricar²²” facilmente:

O aumento da população foi extraordinário, e diversas já eram as povoações margeando o rio, até onde ecoou a notícia da Bagagem, ahi não só formaram corrente de sympathy como os primeiros elementos para o engrandecimento material desse pedaço de Minas. Para ella convergiam as visitas de quantos machinavam probabilidades de fortunas rápidas (TEIXEIRA, A. D. Op. cit., p. 15).

Mas o fato marcante estaria por vir. Em 02 de março de 1853, é encontrado o maior diamante até então descoberto em solo brasileiro, o “Estrela do Sul”, de propriedade do senhor Casimiro de Moraes, cercado de lendas e, em torno deste diamante, girava a história de um amor impossível. Diz a lenda que esta gema de 254,5 quilates foi achada por uma escrava do senhor Casimiro de Moraes, que a escondeu na tentativa de comprar a liberdade de seu amado. Como o plano dos dois escravos foi descoberto, o castigo foi o açoite e a morte.

O achado deste diamante atraiu ainda mais pessoas para a Bagagem, sendo ele uma das causas diretas para o afluxo populacional de pessoas de outras cidades do Triângulo Mineiro, o que de certa forma produziu um rápido despovoamento de vilas ao seu redor. Essa migração representou uma fase de declínio populacional dos antigos residentes em Araxá, que migraram para a Bagagem²³. Por esta época, Estrela do Sul fervilhava de aventureiros à procura de seu sonho de “bamburro”.²⁴

No ano de 1852, era criado o distrito da Paz, pela lei número 575, de 04 de Maio, e com a mesma denominação do Curato de Nossa Senhora Mãe dos Homens da Bagagem. Esta aglomeração pertencia então à Vila de Nossa Senhora do Patrocínio e, logo em seguida, a lei número 667 de 27 de abril de 1854 elevou o distrito Diamantino da Bagagem à categoria de Paróquia²⁵.

Por esta época, as notícias das riquezas diamantíferas eclodiam em todas as paragens de Minas Gerais, São Paulo e Goiás. Em Goiás, mais precisamente em Catalão (GO), um Juiz de Direito chamado Bernardo Guimarães, empolgado com as notícias das riquezas da Bagagem, escreve o livro “O GARIMPEIRO”, publicado em 1872. Este autor consagrado de nossa literatura regional retrata em seu romance a vida da Bagagem na época da opulência e descreve pormenores da atração populacional exercida pelo brilho dos diamantes. Neste romance regionalista, GUIMARÃES (2000) traduz a “febre” que levou este arraial a se desenvolver e alicerçar seu crescimento, transformando-se num vigoroso centro comercial da região, nas décadas de 1850 e 1860.

A Bagagem já então apresentava o aspecto de uma povoação nascente, cheia de comércio, vida e animação, como são em seu começo todos os descobertos diamantinos. Já não eram simplesmente os toscos ranchos cobertos de bagueçu espalhados em desordem ao longo das margens do rio. Por entre eles alvejavam já não raras algumas casas caiadas e envidraçadas, como garças pousadas entre um bando de pardacentas pombas silvestres. Algumas ruas menos irregulares se iam formando, e nelas viam-se já bonitas e bem sortidas lojas e casas de negócio de toda a espécie. A bagagem contava em seu seio talvez vinte mil almas à custa dos municípios vizinhos, que ficaram despovoados. Quase todo o Patrocínio, o Araxá, grande parte do Piracatu²⁶ e Uberaba tinham-se mudado para as matas da Bagagem (GUIMARÃES, B. Op. cit., p. 34).

O povoado da Bagagem, naquele período, compunha-se de dois aglomerados: a Cachoeira, que se tornou sede do município, e Joaquim Antonio, que veio a ser o distrito de Santa Rita da Estrela. A Cachoeira recebeu este nome devido à existência de uma linda cachoeira que se estende por mais de um quilômetro, cortando o povoado em duas partes, ligadas por uma ponte.

²² Termo popular para enriquecimento rápido.

²³ Como pudemos perceber no anuário realizado por TEIXEIRA, A. D. Op. cit. e também em GUIMARÃES, Bernardo. *O Garimpeiro*. Rio de Janeiro, EDIOURO Publicações, 2000, 89 p.

²⁴ Expressão para denominar o achado de uma grande gema e de se tornar rico.

²⁵ O primeiro vigário Padre Caetano José de Almeida Gama, ali se achava desde 1852 como capelão.

²⁶ Em verdade é Paracatu, mas a grafia no livro encontra-se dessa maneira.

Esta localidade escolheu como padroeira Nossa Senhora Mãe dos Homens enquanto Joaquim Antonio escolheu Santa Rita de Cássia, tendo sido posteriormente denominado de distrito de Santa Rita de Estrela devido a este fato. Neste distrito, os escravos construíram, por volta da década de 1850, uma igreja dedicada a Nossa Senhora do Rosário e São Benedito para que eles pudessem ter um solo sagrado onde fazer suas preces.

Em 1856, o povoado, pela Lei 777 de 30 de maio, recebe a autonomia municipal e passa a ser chamado de Vila da Bagagem. Em 1861, pela Lei 1101 de 19 de setembro, foi elevada a categoria de cidade, sendo esta data o marco de comemoração da cidade de Estrela do Sul até os dias de hoje, pois, com a autonomia municipal que equivale à emancipação urbana, a localidade deixa de ser um simples arraial.

Na época da elevação do povoado para Vila da Bagagem, dois fatos são relevantes: um grande número de moradores, para os padrões da época – e também para a Estrela do Sul de hoje - e sua caracterização como um dos poucos centros urbanos reconhecidos em Minas Gerais. *Naquela época, a Bagagem tinha, conforme um censo apurado, 8400 homens, sendo 4600 negros e 3800 brancos*²⁷. Fato este que vem corroborar que Minas Gerais é o Estado da União com o maior número de municípios desde os tempos de capitania e também como província. *De tal modo é assim que, já em 1858, Minas Gerais contava com 20 comarcas, 58 municípios, 268 paróquias e 454 distritos*²⁸.

A Bagagem, por esta época, contava com um número expressivo de distritos, igual a Uberaba e Desemboque. Em relação às paróquias, este município contava com o mesmo número que Desemboque, Araxá, Patrocínio, Januária e outras. O número de distritos e de paróquias é sinônimo, nesta época, da importância regional que as localidades detinham ou impunham.

O crescimento populacional na Vila da Bagagem e sua importância no setor minerador do diamante neste período produziram obras fantásticas no curso do rio Bagagem, com enormes “viradas” e gastos vultosos, visto que a vila estava “transbordando” de pessoas em busca do “eldorado”.²⁹

Esta maravilhosa obra de engenharia como a de alterar o curso de um rio com as próprias mãos, foi, sem dúvida, um espetáculo de realização dos escravos e, posteriormente, dos garimpeiros³⁰. A virada mais famosa foi a “Califórnia”³¹, onde hoje fica o centro da cidade de Estrela do Sul. Tal empreendimento custou cerca de 400 mil réis e começou a ser realizado em 1855³². Muitos diamantes foram encontrados nesta “virada”, mas, infelizmente, tal fato coincidiu com a queda vertiginosa dos seus preços no mercado internacional, o que, de certa forma, contribuiu para seu fracasso do ponto de vista de lucros.

Juntamente com outros sítios diamantíferos, o aglomerado da Bagagem sofreu com a queda acentuada do preço da gema e, na mesma época de sua elevação da condição de vila à cidade em 1861, o que, em termos de época, significava ser elevada a uma categoria de importância regional devido a uma maior influência política na região. Nesta época, as localidades mais importantes, do ponto de vista político e econômico no Triângulo Mineiro histórico, eram a Bagagem (Estrela do Sul), Prata, Uberaba, Patrocínio e Desemboque.

²⁷ A discrepância entre os números apresentados por ROSA (1997, p. 63) e os de GUIMARÃES (2000), deve-se ao fato de que o primeiro, obteve os dados dos censos realizados na época e, estes não contabilizavam mulheres, já os do segundo, contabiliza o total da população no município, ou seja, em toda a região abrangida pelo garimpo de Estrela do Sul, chegando a estes números, em nosso entender, de maneira informal e com licença poética, a 30.000 “almas”.

²⁸ PAULA, J. A. Op. cit. p. 38.

²⁹ “Viradas” são grandes obras de desvio do curso do rio para se explorar o cascalho de fundo. Estas obras foram realizadas com técnicas rudimentares que exigiam mão de obra escrava. A técnica consiste em escavar rochas e solos para abrir um novo caminho para o rio e assim explorar o leito seco por um determinado tempo. Estas “viradas”, cujo processo rudimentar mudava o curso do rio, eram construídas de madeiras fincadas no fundo do leito e sua extensão era trançada de capim, fazendo uma cerca. O capim, sempre preso a pedras enormes e paus roliços, era usado para não deixar a água passar para outros lados e nem voltar ao seu curso normal. (ROSA, P. D. Op. cit. 1997, p. 62).

³⁰ Várias viradas foram feitas nos quase dois séculos de garimpo em Estrela do Sul.

³¹ Esta virada foi financiada, quase integralmente, por Dona Beija.

³² ROSA, Mário Lúcio. *História da Bagagem*. Texto mimeografado da casa da Cultura de Estrela do Sul. 1996, p. 6, ROSA, P.D. Op. cit. p. 35 e TEIXEIRA, A. D. Op. cit. p. 12.

Ser considerada cidade, naquela época, era ser reconhecida como influente em um âmbito maior que vila ou arraial. É o reconhecimento de sua hegemonia. Porém, a crise na oferta do diamante no mercado internacional abala a frágil economia vinculada a um só produto.

Elevada a condição de cidade naquela época, Bagagem vivia na ocasião uma crise muito forte oriunda da queda no preço do diamante. Na medida em que chegavam à localidade dezenas e mais dezenas de pessoas em busca das pedras preciosas a situação agravava-se ainda mais (...) Dezenas de garimpeiros perdiam tudo o que possuíam, viravam homens desgraçados para sempre. Sem dinheiro para sustentar suas famílias e pagar dívidas, mergulhavam nas bancas de jogos, no meretrício e até mesmo no suicídio (ROSA, P.D. Op. cit., p. 66).

Este influxo na economia diamantífera da Bagagem promoveu a saída de parte de sua população mais abastada³³, que vislumbrava em Uberaba uma maior chance de acumular riqueza, especialmente, sobre negócios oriundos de duas guerras, a Guerra Civil Norte Americana e a Guerra do Paraguai, que transformaram a área de Uberaba em produtora de algodão para os EUA e Europa e, logo após, em ponto de passagem e entreposto comercial para as tropas brasileiras na guerra do Paraguai.

Estes fatores não inviabilizaram por completo o sonho minerador em busca do diamante, pois, ao longo do século XIX, particularmente até os anos 1950, esta atividade vai perdurar como atividade secundária na economia de Estrela do Sul. Assim, o garimpo não seria a única atividade produtiva na Bagagem, pois a agropecuária começava a crescer na década de 1950, com fazendas portentosas e de grandes extensões de terras.

Fato interessante sobre estas antigas fazendas do século XIX e início do século XX é a forma com que se faziam as divisas. Como a chegada de arame farpado até estas localidades mais afastadas e antigas é um fato relativamente recente, era utilizada a divisa entre fazendas eram feitas com muros de pedra ou valas.

Contudo, retomando o fato do da descoberta de diamantes na Bagagem diamantífera de meados do século XIX proporcionou um grande fluxo de aventureiros para estas paragens. Aventureiros em busca do enriquecimento rápido com os diamantes da Bagagem, desencadeando assim um crescimento populacional de pessoas que vinham atraídos pelo garimpo de faiscação e do golfo³⁴ nas águas do rio Bagagem.

Quando os faiscaadores chegavam à bagagem, procuravam logo as margens do rio Bagagem e fincavam choupanas cobertas de folhas de coqueiro baguaçu. As paredes da morada eram de pau-a-pique e as camas em que dormiam eram jiraus feitos de bambus. Diariamente, os faiscaadores entravam nas águas barrentas do rio em busca do tesouro que poderia torná-los ricos para sempre (ROSA, P. D. Op. cit., p. 62).

A faiscação nas cercanias da Bagagem, e posteriormente também no leito do rio Bagagem, era rudimentar e selvagem³⁵. Uma delas é o “golfo” que representa uma técnica barata, largamente

³³ Esta redução da população devido ao êxodo populacional na Bagagem é minuciosamente relatada no texto histórico de TEIXEIRA, A. D. Op. cit..

³⁴ A garimpagem pela técnica da faiscação, que utilizava as águas do rio Bagagem para lavar o cascalho das margens e, também, do leito rico deste rio onde era retirado cascalho numa técnica denominada de Golfo, forma arcaica de faiscação dentro do leito do rio. Tal técnica utiliza-se de um saco com uma armação de madeira e arame em sua “boca” para deixá-lo aberto. O garimpeiro prende o saco com uma corda que fica em sua mão e o saco fica no fundo do rio preso por um pé enquanto com o outro pé o garimpeiro arrasta o cascalho para dentro do saco (às vezes com a água correndo forte até o pescoço do garimpeiro). Com o cascalho retirado de dentro do rio o garimpeiro arrasta o saco até as margens ou faz uma “trempe”, espécie de pequena represa ou ilha artificial no leito corrente do rio (com pedras retiradas do leito, paus e capim este faz uma pequena “ilhota”) e nela constrói um “piquete”, ou seja, o local onde o garimpeiro baterá as peneiras com o cascalho lavado.

³⁵ A partir desse momento, achamos por bem, entrar em detalhes sobre a técnica de garimpo utilizada em Estrela do Sul por três motivos: o primeiro é porque não existem fontes textuais sobre essas técnicas e, assim, essas podem se perder no tempo frente ao inexorável processo de modernização dessa atividade; o segundo, refere-se ao fato da importância dessas técnicas para a compreensão dos problemas futuros de degradação ambiental no município de Estrela do Sul; e por fim, essas técnicas de garimpo servem

utilizada até os dias de hoje, como forma de garantir o sustento em épocas de entressafra agrícola. Como não é necessário o pagamento de meeiros ou mesmo de porcentagem ao dono das terras, o “golfo” passa a ser a alternativa barata e simples de se conseguir sustento com os “chibius³⁶” que dele podem aparecer. Somente é necessária força bruta para construir a “trempe” no leito do rio, parar um pouco a circulação da água e retirar o cascalho de seu fundo.

No entanto, a técnica de faiscação mais usual é a de “catas”, obras de engenharia de garimpagem em que são abertos grandes buracos no solo até encontrar o cascalho. Esta técnica utiliza mecanismos de retirada do solo até se encontrar o cascalho ‘virgem’, ou seja, aquele nunca antes garimpado. Nestes se encontram as ‘formas’ (restos de rochas e minerais, seixos rolados, “palha de arroz”, “ferragens” etc.), que são verdadeiros caminhos ou pistas da existência dos diamantes naquele local.

Após a descoberta do cascalho ‘virgem’, este é arrancado com pás, picaretas e enxadas minúsculas então transportado para a parte de cima do barranco do rio. O transporte do cascalho para fora das “catas” (imagem 2) tem como linha de transporte as mãos dos trabalhadores/garimpeiros, pessoas alojadas em uma grande fileira de “carumbés”³⁷. Quando o cascalho é colocado fora da cata, é novamente transportado para perto do rio para ser lavado. Aí é que entra a importância da ‘forma’, pois esta indica as possibilidades de se encontrar diamantes. Para se lavar o cascalho é utilizado o sistema de três peneiras de espessuras diferenciadas: grossa ou suruca, a média e a fina (onde, na maioria dos casos, se alojam os diamantes).

Antigamente, o sistema utilizava quatro peneiras³⁸, mas, com o passar do tempo, elas foram substituídas por estas três atuais. Como o diamante é uma pedra preciosa de maior densidade (peso) que outros elementos constituintes do cascalho, com os movimentos circulares realizado pelo garimpeiro em suas peneiras, ele se aloja, geralmente, no centro da ‘forma’, sendo relativamente fácil sua localização em meio ao restante da ‘forma, tendo em vista o seu intenso brilho.

Vale ressaltar que tais procedimentos, iniciados no final do século XVII, são realizados até os dias de hoje com algumas modificações técnicas, entre eles, a introdução do trator de esteira para a abertura das ‘catas’ e de algumas poucas dragas para retirar o cascalho do fundo do leito do rio Bagagem. Predomina ainda até hoje a técnica manual, de alto risco desde o seu início.

Esse era o processo de garimpagem usado na Bagagem naquela época. Esse meio, considerado até mesmo selvagem, começou a ser usado por um padre, Fortunato José de Miranda, e por um coronel, Manoel Dias da Rocha, que controlavam as lavras da localidade. Os dois, inclusive, se encarregavam de fazer os primeiros registros oficiais dos garimpos. Foi em 1818, quando receberam a concessão de sesmarias dentro do povoado da Bagagem (ROSA, P. D. Op. cit., p. 63.).

Esta técnica utilizada até hoje, pelo qual a vegetação é toda retirada e também o solo provoca sérios debates, envolvendo órgãos ambientais federais, como o IBAMA e o IEF, e os garimpeiros. Como esta forma de se garimpar é oriunda do século XIX, tornou-se, além de barata, histórica e cultural. Assim, o rio Bagagem perde grande parte de suas matas galerias e ciliares, o que contribui para seu processo de assoreamento. Não só o rio Bagagem está assoreado, mas a maioria dos córregos e regatos do município.

Quando a técnica manual de abrir novas lavras ou catas é substituída por procedimentos mecânicos, o problema ambiental tende a aumentar, pois o volume e a área de desmatamento e deslocamento do solo são maiores. Assim, a quantidade de material como areia, seixos e solo, introduzido no leito do rio de forma mecanizada causam muito impacto.

como sustentação de uma forma de acumulação de riqueza, produzida pela sobre-exploração dos garimpeiros locais e que fazem dos “novos coronéis” os senhores do “bem e do mal”.

³⁶ Diamante pequeno, geralmente menor que um quilate.

³⁷ Carumbés são recipientes ovalados e fundos parecidos com antigas bateias de ouro, mas que, no garimpo de diamantes, são usados para o transporte do cascalho retirado do fundo das catas.

³⁸ Fato registrado em: ROSA. P. D. Op. cit. p. 6.

No ano de 2002, o Ministério Público iniciou um processo de embargo e posterior regularização do garimpo no Município de Estrela do Sul. Foram fechadas tanto as lavras manuais como as mecanizadas.

Quando um embargo como este acontece, ocorre um sério problema social em todo o município. O garimpo é ainda hoje uma importante fonte de renda para uma parcela considerável da população. Segundo dados do censo IBGE 2000, a atividade constitui a terceira maior fonte geradora de empregos e renda no município. Cria-se um paradoxo de difícil solução: o risco ambiental e a riqueza da biodiversidade do município versus a necessidade de empregar as pessoas que vivem do garimpo. Porém, não nos iludamos. Nesse caso, temos que perceber a existência de interesses, com lastro cultural, cujo embate vai se dar nas esferas política e institucional. Sabemos que é possível garimpar sem causar impacto ambiental, embora o processo seja mais caro. Contudo, é fato notório a ausência de matas galerias e ciliares ao longo do curso do rio Bagagem, em especial em seu médio curso que se encontra na área urbana da cidade. Tal trecho encontra-se muito assoreado e devastado nas suas margens devido ao longo período de atividades mineradoras.

Imagem 2 - Áreas degradadas de APP urbana em Estrela do Sul (MG). 2000



Fonte: Google Earth. 2000.

PLANTATIONIS VEGETATIONEM URBANA FLUMINIS RIPIS INCIPIENS LUGGAGE STELLAM MERIDIANAM (OU “REVEGETAÇÃO DAS MARGENS URBANAS DO RIO BAGAGEM EM ESTRELA DO SUL”).

Como se pôde perceber, o garimpo no município de Estrela do Sul, ao longo do Rio Bagagem, em seu leito e em suas áreas laterais nas denominadas planícies de alagamento ou mesmo planícies de aluvião, dentro do que hoje denomina-se legalmente pelo IBAMA/CONAMA de APP (Área de Proteção Permanente), remonta ao final do século XVIII e as áreas do leito do rio já foram totalmente alterados através dos diversos “recuados”, ou mesmo o traçado foi completamente mudado como nas “viradas” do rio. Suas margens, no médio curso, onde se localiza o sítio urbano de Estrela do Sul, já serviu até mesmo para uma pequena central de geração de energia elétrica na década de 1950 e 1960 e para a retirada de cascalho diamantífero e se encontra devastada de suas matas galerias e ciliares, ou seja, a área destinada à APP (Área de Proteção Ambiental), que segundo determinação do IBAMA, a partir de portarias do CONAMA é de 50 metros da margem do rio. Contudo, sabedores que tais determinações legais da atualidade não retroagem a um passado de alterações extremas dos ambientes naturais ao longo dos cursos de água, cremos que as atitudes e ações de uma comunidade pode eliminar ou mesmo mitigar ações anteriores.

A preocupação com a questão ambiental em Estrela do Sul passa pela necessidade da construção da Cidade Saudável e envolve dois grandes tópicos: a saúde ambiental (do curso do rio Bagagem e a qualidade da água – com o sério problema dos esgotamentos sanitários) e a saúde do homem (o que impulsiona a construção da cidade saudável). Assim, quanto à saúde ambiental, o mais importante tópico refere-se ao estado físico-ambiental do curso fluvial (do rio Bagagem) com notória redução do volume e de vazão hídrica e assoreamentos, bem como a preocupação com suas margens, com intensa retirada da cobertura vegetal da APP.

Em relação à qualidade da água e o tópico “poluição do rio” a solução encontrada foi a parceria entre Ministério Público Estadual, Prefeitura Municipal e COPASA (Companhia de Saneamento de Minas Gerais). O plano desenvolvido a partir do ano de 2010 é o de despoluição do rio Bagagem em sua extensão urbana, com a captação de todo esgotamento (ou efluentes) doméstico e sua canalização a uma estação de tratamento e posterior lançamento deste no rio Bagagem de forma limpa e sem prejuízo à água superficial e sua biota. Tal plano está na fase de captação de recursos através do acréscimo de certa quantia de dinheiro na conta de todos os cidadãos da cidade. Assim que a captação de recursos financeiros pela COPASA atingir o patamar de arrecadação que dê para cobrir os custos da obra, esta será iniciada.

Contudo, quando analisamos a situação das margens do rio Bagagem, observamos que a natureza cobra seu preço. Em 1982 uma catastrófica enchente devastou as margens urbanas do rio Bagagem, destruindo casas e pontes, levando consigo bens materiais e solo dos barrancos. O desmatamento e o assoreamento constantes do rio Bagagem já produziram outras grandes enchentes, mas a de 1982 foi maior (Imagem 3). O que se observa é que a cada enchente, ou seja, a cada período de cheias de verão o rio fica mais raso e mais largo, levando barrancos e solos laterais (planície de aluvião ou planície de alagamento) e os proprietários de terra, tanto urbana quanto rural, têm perdas financeiras e o município arca com obras de restauro. Além disso, observamos no alto curso do rio Bagagem muito desmatamento de matas ciliares e de áreas de nascente de rios e córregos tributários do rio Bagagem, além do intenso uso da água freática para nutrir os poços artesianos que abastecem os pivôs centrais da agricultura moderna dos municípios de Iraí de Minas e Romaria.

Somando-se retirada desenfreada da mata galeria/ciliar ao longo do curso do rio Bagagem para a atividade secular do garimpo do diamante (nesse caso nos interessa apenas a parte do médio curso e alto curso) especialmente à montante da ponte João Bernardo (que se encontra à jusante do sítio urbano de Estrela do Sul), com a retirada das vegetações ciliares de nascentes e tributários do rio Bagagem e mais a retirada da água freática (que em verdade é a que alimenta os cursos de água superficiais) para a intensa atividade de irrigação da agricultura modernizada dos municípios de Iraí de Minas e Romaria, temos a redução drástica do volume de água corrente no rio Bagagem nos últimos anos. Assim, a tentativa de redução desses desequilíbrios vislumbrados demanda outras ações mais abrangentes e a tentativa de mitigação desses problemas das margens urbanas do rio Bagagem (médio curso) através de

atividades de revegetação com recomposição parcial de suas matas ciliares e galerias faz parte de um todo que se quer mais amplo e contundente.

Imagem 3 - Grande cheia do rio Bagagem na área da ponte da Beija submersa (e posteriormente arrastada pelas águas). 1982



Fonte: Prefeitura Municipal de Estrela do Sul. 1982.

Para além dessa ação de revegetação está a produção de ambientes saudáveis, ou territórios saudáveis NA cidade saudável que aumentam ou passarão a EXISTIR através de práticas de revegetação das margens urbanas do rio Bagagem, pois que representam áreas de lazer para a população dessa pequena cidade tão carente de ambientes para tal fim. Áreas de lazer e de descanso coadunando com a proposta inicial de criar áreas públicas de lazer – não no sentido das praças, parques e similares - e sim áreas particulares, ou seja, que as áreas revitalizadas pela revegetação sirvam a seus proprietários – urbanos e rurais - como área-fonte de lazer e de recreação, além do que a família e o sistema de parentesco tão forte e sólido na pequena cidade seja um tributário.

Além disso, nestas áreas recuperadas incorre também no retorno de parte da fauna silvestre que anteriormente habitava os lugares, especialmente aquela das matas galerias e ciliares. Outro importante fator, senão o maior é o de, a partir das ações de recuperação das áreas degradadas, produzir efeitos de coesão da comunidade, uma amálgama social que poderá produzir frutos posteriores nas relações da sociedade de Estrela do Sul e fonte infinita na busca da cidade saudável.

Em nosso entender as ações previstas nesse Projeto de Extensão de recuperação e revegetação da APP urbana do rio Bagagem se enquadram nos dizeres: “A intervenção ou supressão de vegetação em APP situada em área urbana dependerá de autorização do órgão ambiental municipal, desde que o município possua Conselho de Meio Ambiente, com caráter deliberativo, e Plano Diretor ou Lei de Diretrizes Urbanas, no caso de municípios com menos de vinte mil habitantes, mediante anuência prévia do órgão ambiental estadual competente, fundamentada em parecer técnico”. Pois mesmo o município de Estrela do Sul contar com apenas 7.147 habitantes (IBGE, 2010), ele se enquadra na categoria Municípios com

Patrimônio Histórico e assim possui plano diretor e este prevê ações de revegetação e replantio das APP's urbanas do município.³⁹

Assim, a procura de interação da Universidade Pública com gestores e agentes sociais, culturais e educacionais do município de Estrela do Sul representa a eterna busca da extensão universitária. Do poder e fazer a diferença no entorno dos Campi da Universidade. De Influenciar e ser influenciada por estas interações e ações práticas que podem mudar o mundo, pois o “mundo muda começando pela sua aldeia”. É na aldeia que o global se realiza e é nela que as interações, práticas e experiências se realizam. Essas podem mudar o mundo, pois começaram por onde o mundo se faz: no local. O global se faz no local. Ninguém reside no mundo, no global, mas sim em sua casa, em seu bairro em sua cidade. É na sua aldeia que este global se materializa e se realiza. Com isso, tornar o sonho da sustentabilidade uma realidade plausível, palpável e digna de ser mostrada como exemplo para outras aldeias e enfim, quiçá, a aldeia global, tem que ter o início na prática do cotidiano de uma aldeia.

ULTIMA CONSIDERATIONIBUS (OU CONSIDERAÇÕES FINAIS)

A produção bibliográfica brasileira sobre o tema revegetação, reflorestamento de matas ciliares e recuperação de áreas degradadas em margens de rio e também do macro assunto Sustentabilidade e Ecosustentabilidade tiveram alguma importância nos anos de 1970 e início dos anos de 1980, fortemente influenciada pelas publicações de relatórios da ONU, particularmente do PNUD (Programa das Nações Unidas Sobre Meio ambiente). Contudo, após a Conferência sobre Mudanças Climáticas no Rio de Janeiro em 1992 (Eco-92 ou Rio – 92), organizada pelo PNUD e sob a chancela da ONU. Contudo, já em 1972 na Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente (Estocolmo - Suécia) a idéia do desenvolvimento ecologicamente sustentável começa de fato a ganhar força. Assim, o assunto/tema Sustentabilidade e os temas “biodiversidade e sustentabilidade” aumentaram em quantidade, qualidade e acuidade científicas no final da década de 1990 e, em especial, no século XXI. Desse modo a natureza passa a ser vista como parte integrante de um sistema que originalmente deveria ser cíclico, excluindo o comportamento predador do modelo desenvolvimentista predominante.

O aumento da importância no Brasil dos assuntos relativos a meio ambiente e saúde ambiental e, sobretudo, o fato de que a maior parte das instituições de pesquisa brasileiras estar sediada em metrópoles e médias cidades arrefeceu em grande medida o interesse pelas cidades pequenas nos anos de 1990. A retomada do interesse delas como objeto de pesquisa, nos últimos anos orienta-se por novas publicações realizadas no plano nacional e internacional, que se voltam para o debate sobre a construção da Cidade Saudável e da compreensão das especificidades do período atual tanto quanto pela constatação de que, no caso brasileiro, um país de grandes extensões territoriais, essas cidades vem ampliando seus papéis e suas funções. Isso ocorre tanto no que se refere a maior articulação com o Brasil metropolitano, quanto no que diz respeito à ampliação dos papéis urbanos, de cidades de diferentes portes (SANTOS, 1993, SANTOS e SILVEIRA, 2001).

Assim, a revegetação de áreas urbanas de APP em uma pequena cidade se insere no contexto maior das discussões sobre o que se deseja para a cidade. O que queremos enquanto cidadãos emponderados sobre o ambiente em que vivemos. A cidade é mais saudável quanto mais sua comunidade o é.

Assim, para a realização da recomposição florística de áreas urbanas de um percurso de rio financiado por um órgão de fomento (FAPEMIG – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais) não se mostrou uma tarefa simples. Alguns problemas se mostraram difíceis e outros muito complexos. A execução orçamentária/liberação de verbas para tarefas cotidianas e urgentes demoraram mais que o esperado colocando em xeque várias ações previstas no projeto inicial. Outro desafio foi em relação às esferas de poder local, as quais se dão de maneira conflituosa o que acaba transpassando para a esfera acadêmica o que prejudicou o andamento do projeto. Entretanto, um dos maiores desafios e que se mostrou de difícil resolução, foi o plantio em si. As pragas (formigas e cupins) acabaram com a maior parte

³⁹ Plano Diretor do Município de Estrela do Sul encontra-se na íntegra no site: <http://www.estreladosul.mg.gov.br/webportal/>

das mudas que se colocou no solo. Devido à resistência ambientalista em manusear produtos agroquímicos e a falta de tempo hábil para o manuseio de produtos orgânicos de controle de pragas, perderam-se muitas mudas e o resultado em algumas áreas revegetadas foi píffio. Acreditamos que em futuras ações de revegetação em áreas de APP a melhor solução não seria o plantio e replantio de espécies nativas e sim o cercamento de algumas áreas previamente delimitadas nas margens do rio (e que seus proprietários nos deem o consentimento) e deixar que a sucessão ecológica secundária se estabeleça e revegete os lugares cercados (e assim induzindo a ausência de animais maiores – gado e cavalos com seu pisoteio -, e do homem com sua interferência danosa). Dessa forma criar-se-iam lugares de corredores ecológicos de APP e que posteriormente poderiam se interligar com futuras ações de revegetação progressiva.

Porém, vários fatores positivos foram diagnosticados: as ações de revegetação das margens urbanas do rio Bagagem em Estrela do Sul surtiram o efeito positivo já esperado na revitalização de APP em quintais das residências que têm o rio Bagagem como limítrofe de fundo foi de excelente qualidade técnica - os donos dos imóveis controlaram as pragas mais diretamente e fizeram a adição de água em tempo -, e humana - como são plantas frutíferas aumenta-se o valor nutricional da dieta do cidadão e, ainda, nas áreas revegetadas, criam-se novas áreas de refúgio para os animais e homens, possibilitando mais áreas verdes com ambiente climático melhorado bem como melhor qualidade de vida aos cidadãos que nelas se estabelecem; outro fator positivo foi a participação dos gestores públicos (executivo e legislativo local e diretores e coordenadores das escolas envolvidas), a comunidade escolar (discente e docente) com os pesquisadores e professores da Universidade Pública nesta atividade de extensão. Esta relação de coparticipação demonstrou o quanto estes estão necessitados de ações de extensão que realmente levem educação ambiental e conceitos de cidadania e emponderamento à comunidade. Tal realização foi de imensa repercussão entre os envolvidos (Gestores públicos, comunidade escolar e comunidade urbana em geral).

Além disso, as ações de revegetação que envolveram os proprietários de imóveis rural e urbano (em sua maioria pequenos proprietários e de cunho familiar) nas margens do rio Bagagem, mostram o quanto estes necessitam do apoio de órgãos públicos que deixem seu caráter punitivo (leis e multas ambientais) e doem mudas e plantas para que se estabeleça por eles mesmos o plantio e replantio, ou seja, a revegetação das áreas que foram degradadas por seus antepassados e que hoje, os proprietários atuais é que são penalizados e obrigados a resolver problemas ambientais que foram se acumulando pelas décadas e séculos de alterações ambientais. O que falta é a “muda”, é a planta. Onde conseguir é o desafio. O Estado quando as produz não os alcançam. O preço unitário dessas plantas nativas é exorbitante e replantar centenas e ou milhares delas somente se dá com ajuda externa, uma universidade ou um órgão do Estado que possa doar e auxiliar os filhos e netos dos garimpeiros que tiraram a mata galeria e a APP.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, B. G. de. **Métodos alternativos de determinação de parâmetros físicos do solo e uso de condicionadores químicos no estudo de qualidade do solo**. Tese (Doutorado em Agronomia). Universidade de São Paulo, Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”. Piracicaba, 2008. 103 p.

ALMEIDA, Raquel Olímpia Peláez Ocampo e SANCHEZ, Luis Enrique Sánchez. REVEGETAÇÃO DE ÁREAS DE MINERAÇÃO: CRITÉRIOS DE MONITORAMENTO E AVALIAÇÃO DO DESEMPENHO. In: Sociedade de Investigações Florestais R. Árvore, Viçosa-MG, v.29, n.1, p.47-54, 2005.

BRANDÃO, Carlos Antonio. **Triângulo: Capital Comercial, Geopolítica e Agroindústria**. Belo Horizonte, 1989. Dissertação (Mestrado) – CEDEPLAR: Universidade Federal de Minas Gerais. 189 p.

CAPORUSSO, Danúbia, MATIAS, Lindon Fonseca, DA CRUZ, Joyce Rodrigues, CARVALHO, Joseane Carina Borges de. Avaliação de imagens sintéticas do satélite CBERS-2B (CCD/HRC) para mapeamento do uso da terra: estudo de caso do entorno da Represa de Salto Grande no município de Americana (SP). **Anais XIV Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto, Natal, Brasil**, 25-30 abril 2009, INPE, p. 1959-1966.

CONAMA. Resoluções 303 e 369. Disponíveis nos sites:

<http://www.mma.gov.br/port/conama/res/res02/res30302.html> e

http://licenciamento.cetesb.sp.gov.br/legislacao/federal/resolucoes/2006_Res_CONAMA_369.pdf

COSTA, Cláudio Manuel da. **Poemas Escolhidos**. Rio de Janeiro, Tecnofrist, s. d., p. 63.

DA SILVA, Alexandre Marques. REFLORESTAMENTO CILIAR À MARGEM DO RESERVATÓRIO DA HIDRELÉTRICA DE ILHA SOLTEIRA EM DIFERENTES MODELOS DE PLANTIO. Dissertação de Mestrado. UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”, FACULDADE DE ENGENHARIA CAMPUS DE ILHA SOLTEIRA. São Paulo: Agosto de 2007 138 p.

DA SILVA, Brício Marcelino. Avaliação do Projeto de Revegetação de Área Degradada na margem do Rio Paraíba do Sul: avaliação dos primeiros resultados. In: Boletim do Observatório Ambiental Alberto Ribeiro Lamego, v. 2 n. 1, jan./jun. 2008 20 p.

EMBRAPA. Centro Nacional de Pesquisa de Solo (Rio de Janeiro, RJ). **Sistema Brasileiro de Classificação de Solos**. Rio de Janeiro, 1999, 412 p.

FELFILI, Jeanine Maria, RIBEIRO, José Felipe, FAGG, Christopher William e MACHADO, José Wagner Borges. Recuperação de Matas Galeria. In: EMBRAPA Cerrados, nº 22. Planaltina: Distrito Federal, 2000, 45 p.

FERREIRA, Aline Batista Ferreira, SANTOS, Carla Rodrigues, BRITO, Jorge Luís Silva e ROSA, Roberto. Análise comparativa do uso e ocupação do solo na área de influência da Usina Hidrelétrica Capim Branco I a partir de técnicas de geoprocessamento. **Anais XII Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto, Goiânia, Brasil**, 16-21 abril 2005, INPE, p. 2997-3004.

FREITAS, Paulo S. R. e SAMPAIO, Roberto Cury. **Sinopse do diagnóstico sócio-econômico do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba**. Uberlândia, UFU - Departamento de Economia, 1985, 170 p.

GONÇALVES, Rosa Maria Galera, GIANNOTTI, Edegar, GIANNOTTI, SILVA, Juliana Di Giorgio Araci Aparecida da. APLICAÇÃO DE MODELO DE REVEGETAÇÃO EM ÁREAS DEGRADADAS, VISANDO À RESTAURAÇÃO ECOLÓGICA DA MICROBACIA DO CÔRREGO DA FAZENDA ITAQUI, NO MUNICÍPIO DE SANTA GERTRUDES, SP. In: Rev. Inst. Flor., São Paulo, v. 17, n. 1, p. 73-95, jun. 2005.

GUIMARÃES, Bernardo. **O Garimpeiro**. Rio de Janeiro, EDIOURO Publicações, 2000, 89 p.

GUIMARÃES, Eduardo Nunes. **Infra-Estrutura Pública e Movimentos de Capitais: a inserção do Triângulo Mineiro na divisão inter-regional do trabalho**. Belo Horizonte, 1990, 224p. Dissertação (Mestrado) – CEDEPLAR: Universidade Federal de Minas Gerais.

_____ A Transformação Econômica do Sertão da Farinha Podre: O Triângulo Mineiro na Divisão Inter-Regional do Trabalho. In: **História & Perspectivas** (4). Uberlândia, EDUFU, 1991, p. 7-35.

IBGE. Disponível no “site” www.ibge.gov.br

IPEA. Disponível no “site” www.ipea.gov.br

LEMOS, R. C. de; SANTOS, R. D. dos. **Manual de descrição e coleta de solo no campo**. 4. ed. Viçosa: Sociedade Brasileira de Ciência do Solo, 2002. 83 p.

LENCIONI, Sandra. **Agricultura e Urbanização. A capitalização no campo e a transformação da cidade. Jardinópolis, o estudo de um lugar**. São Paulo, 1985, 175p. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas-Departamento de Geografia: Universidade de São Paulo.

_____ **Agricultura e Urbanização. A Intensificação do Capital no Campo e a Nova Relação Rural Urbano no Estado de São Paulo**. [s.n.], [1985?], p. 41-51.

LIMA, Danielle Serra de e JORDÃO, Moraes e Berenice Quinzani. Degradação de recursos hídricos e seus efeitos sobre a saúde humana. In: Rev Saúde Pública 2002;36(3):370-4. www.fsp.usp.br/rsp

LOURENÇO, Luis Augusto Bustamante. **A Oeste das Minas. Escravos, Índios e homens livres numa fronteira oitocentista. Triângulo Mineiro 1750-1861.** Uberlândia, 2002, 345 p. Dissertação (Mestrado). Instituto de Geografia – Universidade Federal de Uberlândia.

PAULA, João Antonio de. **Raízes da modernidade em Minas Gerais.** Belo Horizonte, Autêntica, 2000, 154 p.

PAULA, Tanya Pitanguy de. **Abrindo os baús.** Belo Horizonte, Autêntica, 1999, 166 p.

PERES NUNES, Flávia; CÂNDIDO PINTO, Maria Tereza. Conhecimento local sobre a importância de um reflorestamento ciliar para a conservação ambiental do Alto São Francisco, Minas Gerais. In: Biota Neotropica, vol. 7, núm. 3, septiembre-diciembre, 2007, pp. 171-179.

RESENDE, M.; CURI, N.; REZENDE, S. B. de; CORRÊA, G. F. **Pedologia: Base para distinção de ambientes.** 4. ed. Viçosa: Neput, 2002. 338 p.

ROSA, Pedro Divino. **Dona Beija.** Uberlândia, ABC/SABE, 1997, 110 p.

ROSA, Mário Lúcio. **História da Bagagem.** Texto mimeografado da casa da Cultura de Estrela do Sul. 1996, 8 p.

RUIZ, A. H. Incremento da exatidão da análise granulométrica do solo por meio da coleta da suspensão (Silte+Argila). Sociedade Brasileira de Ciência do Solo. **Rev. Bras. Ciênc. Solo** vol. 29 no. 2 Viçosa May/Apr. 2005.

SANTOS, Milton e SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil, território e sociedade no início do século XXI.** RJ/São Paulo. Record, 2001. p. 249 a 278.

SANTOS, Milton (org). **Novos Rumos da Geografia Brasileira.** São Paulo, Hucitec, 1993 a, 219 p.

_____ (org). Fim de Século e Globalização. In: **O novo mapa do mundo. Série Geografia: Teoria e Realidade** (20). São Paulo, Hucitec/ANPUR, 1993b, 340 p.

SOARES, Beatriz Ribeiro. **Habitação e Produção do Espaço em Uberlândia.** São Paulo, 1988, 222p. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Departamento de Geografia: Universidade de São Paulo.

_____ **Uberlândia: da “cidade jardim” ao “portal do Cerrado” – Imagens e representações no Triângulo Mineiro.** São Paulo, 1995. Dissertação (Doutorado) – faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Departamento de Geografia: Universidade de São Paulo.

TEIXEIRA, Antonio Dias. **Bagagem-Estrela do Sul, notas históricas, 1849-1922.** Estrela do Sul, 1922, (mimeo.), 101 p.